

ENTRE O INSUPORTÁVEL E O MONSTRUOSO: UMA ANÁLISE SOBRE “DUAS NARRATIVAS” DE A *METAMORFOSE*

Ricardo Marques Macedo¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as narrativas resultantes de duas traduções distintas da obra *A metamorfose*, escrita por Kafka no início do século XX. Deste modo, interessa a reflexão sobre os sentidos produzidos pelas traduções (e paratextos) de Marcelo Backes (L&PM Pocket) e Celso Donizete Cruz (Hedra). Em outras palavras, não cabe a este estudo a pretensão de eleger a melhor tradução. Partimos, neste trabalho analítico, de um olhar atento para o modo como as escolhas dos tradutores podem alterar os sentidos (e a intensidade destes) produzidos. Dois fatores são constitutivos para o início do debate: a problematização sobre o título traduzido na edição brasileira e o modo como os tradutores optam por descrever o inseto em que Gregor Samsa se transforma, alternando a qualificação entre o “insuportável” e o “monstruoso”.

Palavras-chave: Metamorfose; Tradução; Literatura comparada.

Abstract: This work aims to analyze the narratives resulting from two distinct translations of *The Metamorphosis* written by Kafka in the early twentieth century. Thus, will interest the reflection on meanings produced by translations (and paratexts) by Marcelo Backes (L&PM Pocket) and Celso Cruz Donizete (Hedra). In other words, it will not interest this study claim to choose the best translation. We start in this analytical work, a closer look how the choices of the translators look can alter the senses (and the intensity of these) produced. Two-factors are constitutive for the start of the debate: the questioning about the translated title assigned to the Brazilian version and how the translators choose to describe the insect that Gregor Samsa turns, alternating between "unbearable" and "monstrous".

1. Discente, nível de doutorado, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, sob orientação da prof. Dr. Tiekko Yamaguchi Miyazaki. E-mail: ricj.mt@gmail.com. Bolsista da CAPES.



Keywords: Metamorphosis; Translation; Compared Literature.

1.

É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne uma causa formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz.

(GASTON BACHELARD)

Este é um artigo que trata de duas traduções de uma mesma obra. Normalmente, ao fazer tal proposta, o leitor espera que ao longo das linhas analíticas e interpretativas se responda qual a versão mais correta ou mais próxima do sentido do texto original. Neste trabalho o leitor se sentirá frustrado. Não temos a pretensão de apresentar a melhor tradução. Além disto, não cabe ao prazer de dominar a língua alemã e, por conta disto, todo o trabalho de análise e crítica será realizado sobre o texto escrito (traduzido) em português.

Ao longo da exposição analítica, o leitor poderá perceber, mesmo que discretamente, dois prazeres diferentes ao lidar com *A metamorfose*, de Kafka. Por um lado, há o prazer da leitura de um texto que se confirma atual e, por outro, o prazer da descoberta crítica da diferença na produção de sentidos de uma mesma obra através de olhares dos tradutores.

Guardamos o primeiro prazer nas devidas proporções para não influenciar tanto a leitura deste artigo; já para o segundo tipo de prazer, o da “recepção crítica”, é preciso destacar que, embora, utilize o termo recepção, não cabe, neste momento, uma discussão sobre as teorias da estética da recepção. Alguns elementos dessa teoria são invocados quando necessário.



De antemão, adiantamos que sempre que o termo “recepção” surgir será para destacar um processo de absorção e/ou interpretação da obra literária.

2.

Como o tempo, uma tradução é caracterizada por uma certa instabilidade, uma vez que se define como mediadora, não apenas entre duas culturas espacialmente distantes, mas também entre dois momentos históricos diversos. A tradução ocupa um espaço de passagem, no qual não se fixam momentos cristalizados, identidades absolutas, mas se aponta continuamente para a condição diferencial que a constitui. Simultaneamente excessivo e carente, poderoso e impotente, sempre o mesmo texto e sempre um outro, o texto de uma tradução ao mesmo tempo destrói aquilo que o define como original – língua – e o faz reviver por intermédio de uma outra língua, estranha, estrangeira.

(Walter Benjamin)

Sempre que se encontra diante da obrigação de pensar a tradução de um texto literário, o princípio é o da equivalência. Em vão busca-se transpor uma obra de um idioma para outro. É preciso, no entanto, recordar que além do material linguístico puro (a palavra, o verbo) há uma série de outros elementos inerentes ao texto original que devem ser vistos, tais como a forma, as condições de produções, as imagens e os gestos *presentificados*.

Normalmente, a disseminação e a recepção da obra literária em tempos e espaços diversos através da tradução são esquecidas pela crítica. George Steiner, em seu livro *¿Qué es literatura comparada?*, trata do assunto e o aproxima dos estudos em literatura comparada: “Esta primacia de la cuestión de la traducción en la literatura comparada está directamente relacionada con lo que a mi juicio constituye el segundo foco de atención: la



diseminación y recepción de las obras literarias a lo largo del tiempo y del espacio.” (STEINER, 1994, p. 135).

O primeiro foco de atenção, sobre a tradução, apontado por Steiner é referente ao fato de que “la literatura comparada es un arte de la comprensión que se centra en la eventualidad y las derrotas de la traducción” (STEINER, 1994, p. 134). Aponta ainda que o princípio do processo é marcado pela tentativa de reconhecer qualquer discurso comunicativo no interior da própria língua, ignorando que além da linguagem ainda há os indivíduos, as gerações, os gêneros, as classes sociais e todas as ideologias do passado e do presente.

Para exemplificar a problemática da tradução, Steiner recorre às traduções em língua inglesa de *Ilíada* e *Odisseia*, ambas de Homero. Para ele, é a partir da comparação entre as traduções que se permite compreender melhor as relações de sucessividade e alterações que afetam como os ingleses interpretam e reconstroem o mundo antigo. Tal processo poderia ser ainda resumido como um jogo de acertos e erros que ajuda a entender o que ele chama de resíduo do intraduzível.

Es, más aún, una atenta audición de los fracasos y las carencias presentes incluso en las mejores traducciones, las cuales, más que ningún otro medio de acceso, nos ayudan a entender el residuo vivificador de lo intraducible. (STEINER, 1994, p. 135)

Nesse ponto, a questão da tradução se aproxima do que foi exposto por Walter Benjamin no texto *A tarefa do tradutor*. Benjamin inicia seu raciocínio questionando a destinação de uma tradução. Indaga se esse



público seria formado apenas por leitores que não compreendem o original. Ele persiste e questiona ainda:

Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado (e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial) não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o “poético”. Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta?” (BENJAMIN, 2008).

Em suma, há duas problemáticas apontadas inicialmente por Walter Benjamin. A primeira se refere ao lugar do leitor na recepção do texto traduzido, e a segunda àquilo que do texto traduzido permaneceria intraduzível. Tanto Steiner quanto Benjamin acreditam que há no texto literário um elemento, um resíduo vivificador que não possibilita a completa (ou perfeita) tradução do texto literário para um outro idioma.

É preciso ter em mente que, segundo Benjamin (2008), a tradução deve ser sempre vista como forma e, deste modo, sempre levar em consideração que para compreendê-la é preciso retornar ao original. É o texto original que abriga a lei desta forma, enclausurada em sua *traduzibilidade*.

Há outro ponto a se considerar nesta abordagem: o princípio da traduzibilidade é inerente a certas obras. Posto isto, se torna evidente que a tradução de um texto literário por melhor que seja o tradutor sempre resultará em um texto incapaz de significar algo para o original. Assim, um texto traduzido deve sempre ser visto como um texto novo.

Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio da



continuação de sua vida. A ideia de vida e da continuação da vida de obras de arte deve ser entendida em sentido inteiramente objetivo, não metafórico. (BENJAMIN, 2008, p. 68)

Ainda em relação ao original, Benjamin (2008) afirma ser possível comprovar a inexistência de uma tradução se ela, em sua essência máxima, ambicione apenas a semelhança com o original. Para ele, na continuação de vida de uma obra literária (sua “resistência” ao longo dos anos e públicos diversos) o próprio texto original se modifica, através de um processo de maturação póstuma das palavras proferidas.

Dessa forma, o texto *A metamorfose*, após a tradução de Marcelo Backes, não é mais o mesmo que se lê na tradução de Celso Donizete Cruz, embora as palavras pareçam ser as mesmas.

Pois da mesma forma com que tom e significado das grandes obras poéticas se transformam completamente ao longo dos séculos, também a língua materna do tradutor se transforma. Pois enquanto a palavra do poeta perdura em sua língua materna, mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução de sua língua e a soçobrar em sua renovação. (BENJAMIN, 2008, p. 71)

Para Benjamin (2008), na tradução se permite ao original evoluir, crescer e alcançar uma atmosfera mais elevada e pura da língua. E, por isto, não é permitida à tradução a vida eterna. Novas traduções surgem ao longo do tempo e do espaço dando lugar de destaque àquilo do texto original que não se permitiu ser retraduzido. Do mesmo modo, a língua da tradução também evolui, em consequência da mesma mobilidade da língua apontada no original, embora o trabalho do tradutor jamais alcance tal estado puro da língua.



3.

A sensação geral dos leitores de Kafka é um fascínio vago e geral, mesmo em histórias que não conseguem entender, uma coletânea precisa de imagens e descrições estranhas e aparentemente absurdas – até que, um dia, o significado oculto se revela com a súbita evidência de uma verdade simples e incontestável.

(Hanna Arendt)

A história da obra *A metamorfose* no Brasil é relativamente recente e tem seu início no ano de 1956 com a editora Civilização Brasileira publicando em uma edição de luxo uma tradução indireta do inglês assinada por Breno Silveira. De acordo com dados apresentados por Celso Donizete Cruz (2007) em sua dissertação de mestrado (posteriormente transformada em livro), esta edição foi dedicada a um seletor e restrito público. Apenas mil exemplares foram impressos e destes 12 (doze) vinham acompanhados de uma prancha original do ilustrador da edição. Vale ressaltar que esta primeira tradução era rica em ilustrações, impressa em formato grande e com sobrecapa no formato de caixa.

Dadas as suas características especiais, a edição de 1956 marca um momento em que poucos leitores teriam acesso à obra kafkiana, só aqueles capazes de ler uma língua estrangeira ou pertencentes a uma elite cultural que seria sem dúvida o público principal da publicação. (CRUZ, 2008, p. 4)

Esta primeira tradução indireta da obra será a única a circular no país por mais de meia década. Nos anos de 1960, ainda segundo Cruz (2007), temos o primeiro movimento de popularização de Kafka entre a comunidade brasileira. Três novas edições são lançadas, sendo duas em formato de



bolso. Em 1963 a Biblioteca Universal Popular lança em formato de bolso a tradução indireta de Breno Silveira (que havia sido publicada em formato de luxo em 1956) com prefácio de Ênio Silveira.

Dois anos mais tarde, em 1965, a editora Livraria Exposição do Livro lança uma nova tradução indireta assinada por Torrieri Guimarães. O projeto ambicioso da editora propunha uma antologia com as obras completas de Kafka traduzidas para o português no Brasil. No mesmo ano, a editora lança a tradução de Guimarães também em formato de bolso, numa tentativa de popularizar o acesso a texto *A metamorfose*.

Estas duas traduções indiretas (de Breno Silveira e de Torrieri Guimarães), editadas em formatos diversos (sendo alguns mediocrementemente adaptados e mutilados), perduram por quase três décadas, até meados dos anos de 1980.

A editora Brasiliense publica em 1985 a tradução de Modesto Carone, professor da Universidade de Campinas. Esta versão é reconhecidamente a primeira tradução direta do alemão do texto de Kafka. Por questões de marketing e exigência do próprio público leitor da época, o fato de ser uma tradução direta é amplamente divulgado e celebrado.

Para Cruz (2008, p. 6),

O fato de ser uma tradução direta, a primeira, é amplamente divulgado no paratexto da edição. A presença dessa característica inédita é um sinal de mudança de critérios na avaliação do que deve pertencer ao centro do sistema. Kafka, obviamente, tem o seu lugar assegurado, porém nem toda tradução terá qualidade suficiente para satisfazer as novas exigências de fidelidade à letra, de recuperação da função poética nas traduções literárias, valores do pensamento universitário



de base estruturalista que passam então a dominar amplamente o centro.

A editora Estação Liberdade lança em 1989 uma tradução de Erlon José Paschoal. No entanto, não é possível precisar se trate de uma tradução direta ou indireta. Curiosamente, a edição menciona o título original em alemão (*Die Verwandlung*), porém tal atitude se torna comum entre as publicações desta década, mesmo com traduções indiretas. A versão de Modesto Carone é republicada nos anos de 1990 e 1997 pela editora Companhia das Letras, porém, a segunda edição, no entanto, deixa de mencionar que se trata de uma tradução direta da obra. Vale mencionar que Erlon José Paschoal atua atualmente como gestor cultural, dramaturgo e diretor de teatro.

É senso entre a crítica especializada em Kafka no Brasil que após a tradução de Modesto Carone, de 1985, nenhuma outra versão alcança prestígio e reconhecimento até o ano de 2001 quando a L&PM Pocket, em Porto Alegre, lança sua versão de bolso (em edição conjunta com *O veredicto*) em tradução direta de Marcelo Backes. Esta edição traz comentários, notas e prefácio do tradutor, e não imprime em sua capa qualquer menção ao animal em que se transforma Gregor Samsa.

Oito anos mais tarde, a Hedra, em São Paulo, lança também sua tradução de bolso assinada por Celso Donizete Cruz. O tradutor em sua vida acadêmica tem se dedicado ao estudo das publicações de Kafka no Brasil, publicando o livro *As metamorfoses de Kafka* em 2008, pela editora Annablume, como resultado de sua pesquisa de mestrado.



4.

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o corpus de que tenho necessidade ao corpo que vejo.

(Roland Barthes)

A epígrafe escolhida para esta parte do artigo pode ser relacionada, mesmo que em livre aproximação, à escolha do título da tradução. O tradutor ao apresentar a sua versão para o título original nada mais exerce senão uma tentativa de repetir linguisticamente o sentido original dado e idealizado pelo autor.

Neste sentido, a tradução (e a escolha do título) é como uma fotografia exposta por palavras que tenta retratar um dado momento observado (a obra em seu idioma original). Assim, em comparação ao proposto por Roland Barthes em *A câmara clara* (1984), o tradutor representaria o *operator*, cujo gesto essencial envolve dois aspectos distintos: a destinação e o referente fotografado/traduzido. Seu ato consiste na tentativa de surpreender um público alvo (a destinação) através da materialização de uma história (o referente traduzido) em uma segunda língua.

O problema da tradução do título da obra de Kafka surge com mais intensidade na introdução apresentada na tradução de Celso Donizete Cruz (2009, p. 9):

A princípio quis chamá-la de *A transformação*, modo de recuperar a repetição sonora do substantivo alemão do título original, “*Verwandlung*”, que ecoa na forma verbal



“verwandelt” (“transformado”), no fim da primeira frase da narrativa, considerada por muitos a sentença de abertura mais célebre de toda a literatura.

Vale ressaltar que Modesto Caronte adota o procedimento parecido em sua tradução direta de 1985. No entanto, opta por manter o título já comumente utilizado no Brasil e recuperar a repetição sonora traduzindo a forma verbal “verwandelt” da primeira frase por “metamorfoseado”. Fato que será repetido em outras traduções posteriores da obra, inclusive na de Marcelo Backes, como podemos ver no trecho: “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama *metamorfoseado* num inseto monstruoso” (KAFKA, 2001, p. 13).

Apesar propor inicialmente a alteração no título, Cruz opta por manter a tradição na tradução do nome que batiza a obra no Brasil. Além disto, retira de sua tradução a repetição sonora do verbo transformar/metamorfosear e adota vocábulos distintos para o título (metamorfose) e para o texto (transformado): “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama *transformado* num insuportável inseto” (KAFKA, 2009, p. 30, grifo nosso).

Tal discussão parece preocupar também editores estrangeiros. Na língua espanhola, em 2005, a Editorial Funambulista, de Madri, e a Debolsillo, de Barcelona, publicam versões com o título de *La transformación*. Já na língua inglesa, a editora Penguin Classics publica em 1995 uma edição com o título de *The transformation (Metamorphosis)*. Na Croácia, o livro também recebe como título a palavra “Preobrazba” que significa em tradução livre para o português “transformação”, podendo ser conhecida também, em versões mais raras, por *Metamorfoza*.



Parece haver um consenso entre os diversos tradutores ao redor do mundo por optar por “metamorfose”. Além disto, parece haver concordância também entre as estratégias adotadas para a tradução de “verwandelt” (na primeira frase) de forma a manter a repetição sonora entre o título e o fato ocorrido com Gregor Samsa.

Caso curioso ocorre na Bulgária cuja tradução optou pela palavra “Преображението”, em tradução livre para o português: *A transfiguração*. Apesar de apresentar repetição sonora entre o substantivo do título e o verbo da primeira frase (Преобразен), a tradução livre das duas palavras nos dois contextos é sutilmente distinta. Enquanto o título faz referência a uma “transfiguração”, o verbo significa “transformar”; sinônimos, mas que provocam na recepção do leitor uma tensão diferente. Transfigurar é mais violento e assustador que apenas se transformar. Além disto, na edição búlgara de *Die Verwandlung*, ao contrário da maioria das edições brasileiras, não traz a figura de um inseto (seja ele uma – equivocada – barata ou um besouro). A capa de *Преображението* exhibe a imagem da de uma face humana completamente desfigurada, conforme pode-se ver abaixo:





Fig. 1. Capa do livro *A metamorfose* em (sua) tradução búlgara

Enquanto a expressão “metamorfose” indica um estado passageiro, passível de mudanças a qualquer momento, o termo “transformação” parece não permitir mais o retorno ao estado anterior, exatamente como ocorre na narrativa. O homem ao longo de sua vida sofre transformações diárias, sejam elas físicas, sociais ou psicológicas, entre outras, que impossibilitam o seu retorno ao estado anterior. Gregor Samsa se transforma no inseto e assim permanece, mesmo que seu desejo ainda seja humano, durante toda a narrativa até sua morte.



A metamorfose é vista, ainda, pela mitologia como uma transformação passageira (diferindo, inclusive, da metempsicose cuja mudança é permanente). São deuses que se transformam momentaneamente em seres humanos, animais, plantas e demais elementos da natureza. Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 608) apontam:

Lê-se frequentemente em todos os textos irlandeses e gauleses que um mágico, druida ou poeta, ou que uma profetisa, por uma ou outra razão, transforma um herói ou uma heroína em um ser vivo qualquer, porco, pássaro ou peixe. Também, às vezes, um deus ou uma deusa se metamorfosavam e são ainda os druidas que aceitam transformar-se em vacas com fins de sacrifício.

Diante disso, seria possível creditar a escolha do título *A metamorfose* em vez de *A transformação* em português brasileiro ao fato das primeiras traduções ocorrerem de forma indireta a partir do inglês *The Metamorphosis*. Por razões mercadológicas o título tem permanecido assim, mesmo com recentes discussões levantadas que apontam para a alteração ou a inclusão de um subtítulo que contemplasse o sentido dado pela versão em alemão. Vale ressaltar que em Portugal o título pode ser encontrado nas duas variantes: metamorfose e transformação.

5.

O sofrimento ameaça de três lados: a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que se pode abater sobre nós, com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O



sofrimento que provém desta última fonte talvez seja sentido de modo mais doloroso que qualquer outro [...]

(Freud)

Passada esta breve análise sobre o título adotado pelas traduções brasileiras, vamos nos debruçar sobre as confluências e divergências na descrição de Gregor Samsa nas traduções de Marcelo Backes (2001) e Celso Donizete Cruz (2009).

Considerada uma das mais importantes e fortes frases da literatura mundial, as palavras iniciais do narrador de *A metamorfose* revelam muito do que se apresenta ao longo da narrativa. Por detalhe metodológico, a partir deste momento, citaremos primeiramente a tradução de Backes por ser anterior à versão de Cruz.

Backes aponta: “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (KAFKA, 2001, p. 13).

Cruz realiza tradução semelhante, porém, com uma sutil e marcante alteração. Confira: “Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto” (KAFKA, 2009, p. 29).

É possível perceber nesta frase inicial um abrandamento no trato da vida e descoberta de Gregor Samsa na tradução de Cruz. A versão de Backes opta por intensificar a violência sofrida pela personagem principal em dois momentos distintos: inicialmente multiplica a intensidade/quantidade de “sonhos intranquilos”. Enquanto na primeira citação temos um número indeterminado de sonhos que atormentaram a



noite de Gregor, na segunda tradução este número é reduzido a um único sonho.

Além disto, o qualificador do animal em que se transforma a personagem revela o segundo momento de intensificação/abrandamento da violência. Para Backes, Gregor Samsa se transforma em um “inseto monstruoso”. Já para Cruz, a transformação resulta apenas em um ser considerado “insuportável”. A carga dramática na metamorfose da segunda tradução é reduzida e já não é mais capaz de causar grande impacto na recepção do leitor. Reflete ainda um estado de insignificância da nova forma do protagonista. Enquanto “monstruoso” remete a um estado fora do universo do sujeito, a palavra “insuportável” o faz permanecer ainda em si, ainda que de forma superlativa negativa.

Etimologicamente, a palavra monstro remete a dois sentidos diversos: *monstrum* que se refere a um “efeito de exibição” e *monestrum* que carrega o sentido de advertir, prevenir ou anunciar. Desta forma, ao optar por “inseto monstruoso”, o tradutor dá à transformação o poder de revelar uma faceta já pertencente ao protagonista ao mesmo que tempo que adverte sobre o tipo humano a ser apresentado nesta obra literária.

Ainda nesse primeiro parágrafo, uma nova alternância na tradução causa o mesmo efeito de abrandamento/intensificação dos sentidos. Na versão de Backes (2001, p. 13)² temos: “Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo,

² A partir deste momento faremos a apresentação da referência bibliográfica das citações de “A Metamorfose” apenas pelo ano e página, podendo assim identificar o tradutor.



vibravam desamparadas ante seus olhos”. Para Cruz (2009, p. 29), o ideal de tradução do mesmo trecho seria: “Diante de seus olhos moviam-se desesperadas suas várias pernas, ridiculamente finas em comparação com suas proporções de antes”.

Importante apontar que Cruz ao iniciar a tradução com “diante de seus olhos” parece querer dar importância ao fato de o protagonista contemplar o próprio estado, ao que em Backes se dá menor importância ao ser citado apenas no final da frase. Pelo enfoque dado ao ato de olhar a situação, pode-se deduzir que, na primeira tradução, importa mais a ação que ocorre que o fato de ser ela vista/observada pela personagem principal. Além disto, novamente é possível estabelecer uma gradação entre os adjetivos empregados ao referir-se às pernas de Gregor: “lamentavelmente finas” e “ridiculamente finas”. Enquanto a primeira tradução reforça o sentido de dor e violência, a segunda aposta em uma versão grotesca.

Novo embate pode ser visto no momento em que a família de Gregor decide ir ao quarto. Backes (2001, p. 18) traduz os momentos iniciais assim:

Depois de ter refletido acerca de tudo isso às pressas, sem conseguir se decidir a deixar sua cama – o despertador acabara de anunciar quinze para as sete –, bateram com cautela à porta, na cabeceira de sua cama.

Para Cruz (2009, p. 32), o mesmo momento é visto da seguinte forma:

Enquanto refletia aos atropelos sobre tudo isso, sem encontrar coragem para deixar a cama – o despertador marcava exatamente quinze para as sete –, foram ouvidas leves batidas na porta ao lado da cabeceira.



A tradução de Backes traz um Gregor com um pensamento mais ágil e decidido. Tal sentido se verifica no trecho “depois de ter refletido [...] às pressas”, marcando que o ato de pensar já ocorreu e que denota, portanto, uma ação passada. Por outro lado, Cruz opta por deixar o momento de reflexão como um ato contínuo que não encerra com a revelação do horário e as batidas na porta. Nesta versão, Gregor se torna mais pensativo e passivo diante dos acontecimentos. Essa reação é reforçada pela forma verbal utilizada em “foram ouvidas leves batidas”.

A descrição espacial do início do segundo capítulo intensifica nossa leitura sobre a intensidade nas duas traduções. Para Backes (2001, p. 43), “O clarão das lâmpadas elétricas da rua deixava pálido aqui e acolá, sobre o teto do quarto e as partes mais altas dos móveis; mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.” Por outro lado, Cruz (2009, p. 53). diz: “A fraca luz das lâmpadas elétricas da rua iluminava palidamente alguns pedaços do teto do quarto e a parte de cima dos móveis, mas Gregor embaixo estava às escuras”. Ao comparar as duas traduções, encontramos uma tensão na forma como o quarto era iluminado. Na primeira, o espaço descrito é tomado por um clarão, uma forte luz que invade quase todo quarto. Na segunda, uma fraca luz sutilmente é percebida, mas o suficiente para distinguir o contraste entre a parte mais ampla e onde se encontra o protagonista.

Tal percepção pode ser vista também no primeiro parágrafo do terceiro capítulo. Traduz Backes (2001, p. 73): “O grave ferimento de Gregor, que o fez sofrer por mais de um mês – a maçã ficou, uma vez que ninguém teve coragem de retirá-la, alojada na carne como recordação visível [...]”; em contraponto a versão de Cruz (2009, p. 78): “O ferimento



sério, com o qual padeceu mais de um mês – a maçã continuou, uma vez que ninguém se atreveu a retirar, enfiada na carne, como uma recordação exposta [...]”.

Enquanto a primeira versão qualifica o ferimento como “grave”, para a segunda trata-se de um ferimento “sério”. Na graduação dos sentidos, “grave” carrega maior intensidade e carga de tensão que “sério”. Não que a segunda versão destitua de importância o ferimento, mas atribui uma atenuação de sua intensidade. Além disto, nova tensão se instala entre “sofrer” e “padecer”. Embora sinônimos, o segundo apresenta uma carga maior de eufemismo.

A tradução de Cruz se revela mais sutil e melancólica, a personagem central é descrita de modo mais ameno e capaz de um pensamento mais reflexivo sobre os acontecimentos. Já Backes traz uma narrativa com maior impacto e violência para o leitor. As ações são rápidas, grandiosas. A personagem principal é de pensamentos rápidos e/ou maior intensidade.

A violência na tradução de Cruz é velada. Cabe ao leitor revelá-la a partir de um conjunto de leituras e experiências anteriores que foram acumuladas ao longo de sua vida e do contato com outras formas de contar a história de Gregor Samsa.

Assim, podemos considerar que tanto a versão de Backes quanto a de Cruz se mostram como uma continuidade do texto original de Kafka, um prolongamento dos sentidos postos. São leituras marcadas historicamente e que revelam o mundo e o pensamento de seus tradutores, são novas formas de se contar uma história já conhecida.



Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: o homem e o animal. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ARENDDT, Hannah. Franz Kafka: uma reavaliação. In: ARENDT, H. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. SP/MG: Companhia das Letras/ Editora da UFMG, 2008 (ensaios).
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BRANCO, Lucia Castello (org). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CRUZ, Celso. **Metamorfoses de Kafka**. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. Kafka no Brasil: as edições de *A metamorfose*. In: **XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**, São Paulo: USP, 2008.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose seguido de O veredicto**. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- _____. **A metamorfose**. Trad. Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.



GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores associados, 2012.

STEINER, George. **¿Qué es literatura comparada?** (Discurso inaugural – Universidade Oxford, 1994).

